Dia 8 — São Medardo, Bispo

Foi São Medardo um dos mais ilustres prelados que floresceram na França no século sexto; nasceu em Salency, no Vermandois, pelos anos de 457, sendo seu pai, que se chamava Nectardo, um cavaleiro francês muito qualificado e dos mais distintos na corte, e sua mãe, por nome Protágia, descendente de uma daquelas antigas famílias romanas que se haviam naturalizado na França, tão rica que trouxe em dote a seu marido a terra de Salency. Criaram com o maior desvelo o menino Medardo, até que teve idade proporcionada para ir estudar em Vermand, capital da província.

Não podia melhorar-se seu natural, nem suas inclinações podiam ser mais piedosas; parecia ter nascido com o amor à virtude e singularmente com uma terna compaixão pelos pobres. Encontrando um deles na rua, deu-lhe um rico vestido que lhe acabavam de fazer; e, perguntado que havia feito do vestido, respondeu: «Dei-o a um pobrezinho de Jesus Cristo, que dele necessitava mais que eu.»

Toda a sua ânsia era dar esmola aos pobres que passavam pelo castelo onde viviam seus pais; e num dia em que lhe pareceu não ser observado da família, repartiu entre eles tudo o que lhe haviam posto à mesa para comer. Queixando-se seu pai de que lhe faltava um dos cavalos da cavalariça, soube, não sem admiração, que seu filho o havia dado de esmola a um viajante a quem os ladrões haviam roubado perto do castelo e deixado a pé.

Esta caridade antecipada num menino de tão poucos anos, acompanhada de uma ternísima devoção à rainha dos anjos, a quem amou e respeitou sempre como a sua dulcíssima mãe, foi presságio seguro de sua futura eminente santidade; e até se tem por certo que desde então o favoreceu Deus com o dom de profecia, pois a outro menino companheiro seu, chamado Eleutério, prognosticou que havia de ser bispo, e o sucesso o verificou, tendo-o sido de Tournai. Os escritores de sua vida, que quase todos foram seus contemporâneos, convêm unanimemente em que os anos de sua infância foram acompanhados de grandes maravilhas; e ainda hoje se mostra uma pedra em que se vê estampada a pegada de um pé, que se diz ser do santo menino, o qual a descobriu, e era marco de duas posses sobre as quais havia um ruidoso litígio; com cujo descobrimento cessou o pleito e se fizeram as pazes entre duas poderosas famílias.

Vendo seus pais que a cada dia ia crescendo em idade, em juízo e em prudência, tiveram grande gosto em que prosseguisse seus estudos em Vermand, cujo bispo quis tomar a seu cargo ser seu mestre, e o discípulo correspondeu tão maravilhosamente ao cultivo e às lições do zeloso prelado, dando cada dia maiores mostras de sua extraordinária virtude, que encheu de admiração o próprio mestre. Não sabia mais que de seu quarto, da igreja e dos hospitais. Derramava seu coração no templo ao pé dos altares, sendo as lágrimas que corriam por seus olhos indício da terna devoção que inflamava seu abrasado peito; seus jejuns eram contínuos, seus rigores tão excessivos que foi mister moderá-los, e no meio de uma vida tão penitente ainda se queixava da pouca penitência que lhe deixavam fazer.

Não era razão que estivesse escondida debaixo do alqueire uma lâmpada tão brilhante; e o bispo, que a conhecia bem, não quis que sua igreja carecesse de sua luz. Admitiu Medardo no clero e desde logo foi honra e ornamento do estado. Consagrado já a Deus e bem inteirado de suas novas gravíssimas obrigações, cumpriu-as todas cabalmente; sua frequente oração, sua devoção, sua modéstia e sabedoria lhe granjearam a admiração do público e lhe mereceram o respeito e a veneração de todo o clero. Por estas considerações, pela inocência de sua vida e pela integridade de seus costumes moveu-se o bispo a conferir-lhe as ordens sagradas e pouco depois o ordenou presbítero; altíssimo caráter, que redobrou seu fervor e acrescentou muitos realces a sua elevada virtude. Encarregou-se-lhe o cuidado de repartir ao povo o pão da divina palavra; ministério que exerceu por espaço de quarenta anos com tanto zelo, com tanto espírito e com tanto fruto que mudou de semblante toda a diocese. Não se viu pregador mais fervoroso nem diretor mais prudente; bastava ouvi-lo para converter-se e bastava vê-lo no altar celebrando o santo sacrifício da missa para sentir-se movido à compunção.

Morreu o bispo de Vermand no ano de 530; juntaram-se o clero e o povo para a eleição; houve pouco em que deliberar, e foi eleito Medardo por unânime consentimento de todos. Usou sua humildade de mil indústrias para escusar-se, mas não lhe valeram; apesar de todas elas foi consagrado e tardou pouco a França em conhecer que em toda ela não havia bispo mais santo.

Bem pôde a nova dignidade acrescentar algum lustre exterior a todas as suas virtudes, mas nem por isso diminuiu um ponto sua humildade nem o austero plano de sua penitente vida; antes acrescentou às antigas penitências as muitas mortificações que traz necessariamente consigo o cuidado e a carga pastoral. Esteve tão longe de considerar a mitra como um título de honra e como pretexto de autoridade, de comodidades e de regalo que aos 72 anos de sua idade se o via com admiração correr os povos, as aldeias, as choças e as cabanas, ensinando, instruindo, pregando e confirmando com um zelo infatigável.

Desolado pelos hunos, os vândalos e os húngaros todo o país que banham o Oise e o Somme, não acharam outro recurso as ovelhas desgarradas senão a imensa caridade de nosso santo pastor; mas, como a cidade de Vermand se achava sem defesa e exposta às correrias dos bárbaros, cada dia se ia despovoando mais e mais; pelo que o santo transferiu a sé episcopal à cidade de Noyon, que já desde aquele tempo era praça forte e depois se fez famosa cidade da França, condecorada com a honra de condado.

Não obstante ser tão dilatada a diocese de Noyon, parece que ainda não era bastante para o imenso zelo de Medardo; e outros povos lhe invejavam a ventura de lograr tão fervoroso pastor. Por isso, tendo vagado neste tempo a sé de Tournai, empenhou-se o povo com porfia e até com obstinação em que havia de ser bispo nosso santo. Isto, em suma, era aumentar o trabalho sem acrescentar a renda, que era tudo o que Medardo apetecia; mas, como os sagrados cânones proibiam tão severamente a passagem de um bispado a outro, nem quis nem pôde o santo pastor condescender com suas instâncias. Não obstante, o rei Clotário, que então tinha sua corte em Tournai, São Remígio, arcebispo de Reims, e os demais bispos da província fizeram tão fortes representações ao papa Hormisdas sobre a necessidade que tinha aquela igreja de Medardo, por conservar-se ainda a idolatria numa boa parte dela, que o pontífice lhe mandou que a governasse como administrador, mas sem deixar o bispado que tinha; e a Medardo foi-lhe forçoso obedecer.

Em breve tempo já parecia outra a cidade de Tournai e toda a diocese. Padeceu muito o santo prelado pela perseguição dos gentios, que, não podendo sofrer que viesse atacar a idolatria em seu último entrincheiramento, fizeram quanto puderam para desembaraçar-se dele; carregaram-no de injúrias, arrastaram-no impiamente e chegou a tanto seu furor que numa ocasião o levavam já manietado ao lugar do sacrifício; mas não lhes deu licença Deus para que lhe tirassem a vida. Longe de acovardar-se, o santo bispo dobrou os esforços de seu zelo até que com sua paciência, com sua constância e com sua mansidão logrou domesticar aqueles bárbaros, fazendo-se dono de seus corações e desterrando o paganismo de todos aqueles lugares.

Tantas e tão assombrosas conversões não podiam fazer-se sem muitos prodígios; obrou tantos e tão grandes que o fizeram célebre em todo aquele país. Carregado de anos e debilitado com tão prolixos como penosos trabalhos, consagrou às fadigas de seu ministério as poucas forças que já lhe restavam; e, sem conceder-se o mais ligeiro alívio nem a mais leve dispensa nas contínuas penitências com que por toda a sua dilatada vida havia macerado seu inocente corpo, logrou o mérito do martírio no muito que padeceu até ver dissipadas da França todas as relíquias da idolatria. Achando-se em sua igreja de Noyon, de volta de Tournai, deu o véu de religiosa à rainha Santa Radegunda , e, acometido pouco depois de uma grave enfermidade, foi geral a consternação em todo o país. Veio visitá-lo o rei Clotário, que não quis levantar-se de seus pés até que lhe deu a bênção; e o santo ancião, tão cheio de anos como de merecimentos, deu o espírito a seu Criador no dia 8 de junho de 560, tendo mais de cem de idade.

Pelos muitos milagres que havia feito em vida e pelos que continuou o Senhor a fazer por sua intercessão depois de morto, levantou-se desde logo a pública veneração. Por então foi enterrado em sua igreja de Noyon; mas o rei Clotário, que tanto o havia venerado sempre, quis que o sagrado corpo fosse trasladado a Soissons, corte de seu reino. Fez-se a trasladação com a maior pompa, solenidade e magnificência; o corpo ia numa caixa coberta de ricos panos de prata e ouro, cravejados de pedraria; compunha-se o acompanhamento do clero de Noyon, do de Soissons, do rei Clotário, dos príncipes seus filhos e de todos os senhores da corte. Numa aldeia vizinha a Soissons, chamada Crouy, erigiu-se provisoriamente um pequeno oratório de grades e gelosias de madeira, onde se depositaram as santas relíquias até que se acabasse a igreja que se havia começado a fabricar, pondo o rei Clotário a primeira pedra; mas, havendo morrido este príncipe em Compiègne pouco tempo depois, deixou encarregada a conclusão do edifício ao rei Sigeberto, seu filho, que a acabou com magnificência verdadeiramente real.

Já no tempo de Fortunato e de São Gregório, bispo de Tours, que morreu no ano 565, era tão célebre a festa de São Medardo que de todas as partes da França concorriam em tropa os povos a venerar seu sepulcro. Estendeu-se esta devoção à Inglaterra, onde não menos que na França se ergueram muitas igrejas em honra do santo bispo, durando sua devoção até a fatal revolução que causou o lastimoso cisma; e ainda no meio disso lê-se o nome de São Medardo no calendário da nova liturgia anglicana.

Não tem fundamento algum a opinião popular com que se crê que São Medardo e São Godardo, bispo de Ruão, foram gêmeos, que nasceram no mesmo dia, que no mesmo dia foram consagrados bispos e que no mesmo dia e ano morreram. Nem Fortunato, nem São Gregório de Tours, contemporâneos de São Medardo, que escreveram sua vida, falam palavra de uma circunstância

tão particular, que nem se lhes podia ocultar nem é verossímil que a omitissem. Pôde dar motivo a este pretendido sincronismo a trasladação que se fez do corpo de São Godardo, ou São Gildardo, à igreja de São Medardo em Soissons, quando os bárbaros assolaram a Normandia.

Martirológio Romano

Em Aix, na França, São Maximino, primeiro bispo daquela cidade, que se diz ter sido discípulo do Senhor.

No mesmo dia, Santa Caliopa, mártir, que, pela fé de Jesus Cristo, teve os mamilos cortados e as carnes queimadas, foi arrastada sobre cacos de vasilha, consumando seu martírio com a degolação.

Em Soissons, na França, a festa de São Medardo, bispo de Noyon, cuja vida e preciosa morte foram ilustradas com gloriosos milagres.

Em Ruão, São Godardo, bispo, irmão do mesmo São Medardo. Nascidos no mesmo dia e consagrados bispos no mesmo dia, arrancados também da terra no mesmo dia, subiram juntos ao céu.

Em Sens, São Heráclio, bispo.

Em Metz, São Clavo, bispo.

Na Marca de Ancona, São Severino, bispo de Septempeda, que hoje leva seu nome.

Em Cerdeda, São Salustiano, confessor.

Em Camerino, São Vitorino, confessor.

Em York, na Inglaterra, São Guilherme, arcebispo e confessor. Entre outros milagres obrados em seu sepulcro, conta-se a ressurreição de três mortos.

Na diocese de Troyes, Santa Sira, da qual há uma relíquia principal na igreja de São Merri de Paris.

No Rouergue, Santa Eustadiola, viúva, primeira abadessa de Moyen-Moutier, que está sepultada no priorado de São Paulo, fundado por ela.

Em Vaujour, na Auvérnia, São Mary, solitário, protetor da cidade de Mauriac.

No Piemonte, Santa Genesa, venerada como virgem e mártir naquele país.

No Egito, Santo Atreo, abade.

Em Fano, São Fortunato, bispo.

Em Volterra, São Clemente, presbítero.

Missa (oração)

A missa é da dominga precedente, e a oração do santo é a que se segue:

> **Latim:** *Da nobis, quæsumus, Domine, ut beati Medardi confessoris tui atque pontificis veneranda solemnitas et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum...*

Português: Concedei-nos, Senhor, que a venerável festividade do bem-aventurado Medardo, vosso confessor e pontífice, aumente em nós o espírito da devoção e o desejo da salvação eterna. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 1,6-11

> **Latim:** 6 Benignus est enim spiritus sapientiæ, et non liberabit maledicum a labiis suis : quoniam renum illius testis est Deus, et cordis illius scrutator est verus, et linguæ ejus auditor. 7 Quoniam spiritus Domini replevit orbem terrarum, et hoc quod continet omnia, scientiam habet vocis. 8 Propter hoc qui loquitur iniqua non potest latere, nec præteriet illum corripiens judicium. 9 In cogitationibus enim impii interrogatio erit ; sermonum autem illius auditio ad Deum veniet, ad correptionem iniquitatum illius. 10 Quoniam auris zeli audit omnia, et tumultus murmurationum non abscondetur. 11 Custodite ergo vos a murmuratione quæ nihil prodest, et a detractione parcite linguæ : quoniam sermo obscurus in vacuum non ibit, os autem quod mentitur occidit animam.

Português: 6 Porque o espírito da sabedoria é benigno, e não livrará ao maldizente dos seus lábios: Porque Deus é testemunha dos seus rins, e é verdadeiro esquadrinhador do seu coração, e ouvidor da sua língua. 7 Porque o espírito do Senhor encheu a redondeza da terra: E êste, que

contém tôdas as coisas, tem conhecimento até duma voz. [8] Por isso aquêle que profere palavras de iniquidade, não se lhe pode ocultar, nem passará por êle de largo o juízo que castiga. [9] Porque sôbre os pensamentos do ímpio far-se-á interrogatório: E os seus discursos chegarão aos ouvidos de Deus, para o castigo de suas iniquidades. [10] Porque o ouvido do zêlo ouve tôdas as coisas, e o tumulto das murmurações não se lhe esconderá. [11] Guardai-vos pois da murmuração, que nada aproveita, e refreai a língua da detração: Porque a palavra secreta não passará em claro: E a boca que mente mata a alma.

Nota

«Com muita razão chama Santo Agostinho ao livro de onde se tirou esta epístola o livro da Sabedoria cristã; porque não o há nem de maior ensino, nem mais moral, nem mais eficaz, nem mais elevado. Verossimilmente o compôs Salomão nos primeiros anos de seu fervor e de seu rendimento à lei, que foram os mais inocentes de sua vida.»

Reflexões

Muito delinquentes devem ser os lábios do murmurador, quando o espírito da sabedoria, que é todo bondade, não os deixará sem castigo. A língua murmuradora sempre é argumento de gênio maligno, de coração encancerado; e, à maneira de língua viperina, jamais sai da boca senão para morder ou para cuspir o veneno. Se a inveja é tão comum no mundo, reinará menos nele a murmuração? Tudo se quer saber para tomar-se a liberdade de dizer depois quanto se sabe; faz-se estudo particular de indagar os costumes das pessoas, para ter o gosto de desacreditá-las; nem se perdoa ao sagrado, nem ao profano, nem aos vícios, nem às virtudes; não há defeito na vida alheia que não se descubra; mancha nas famílias que não se propale; as ações boas, ou se desprezam ou não se querem saber; as más, ou se inquirem ou se adivinham. Não só se julga mal das ações, mas também dos pensamentos e das intenções, cujo juízo se reservou Deus; nem o coração do homem, embora tão invisível e tão impenetrável, está isento dos discursos e dos insultos dos murmuradores. Cada qual tem seu modo de murmurar: um descarrega abertamente o tiro da língua sobre a reputação de seu irmão, sem suavizar ou de alguma maneira encobrir a ponta que mortalmente o fere; outro dissimula o golpe com palavras lisonjeiras; alguns afetam defender o mesmo que traspassam de parte a parte; muitos, com grande discrição e recato, vão dizendo em segredo a todo o mundo as fraquezas imaginárias ou reais de seu próximo; poucos deixam de usar algum artifício quando murmuram, para manchar e ferir com maior segurança e ocultar de si mesmos, se é possível, o dano que fazem; até o pretexto do zelo e da religião serve de máscara à maledicência, porque é próprio deste vício introduzir-se insensivelmente até nos corações que parecem mais santos; penetrar no próprio santuário e inficionar a língua do sacerdote, consagrada com o sangue de todo um Deus; enfim, insinuar-se até nos claustros e nos desertos; dá-se a cor de zelo, de religião e do bem público às murmurações mais impiedosas, e falta pouco para que não se murmure por devoção: *Idolum zeli ad provocandam æmulationem*, diz o Profeta. Não há vício mais

sujeito à ilusão e ao engano. Diz-se que, desacreditando o pecador, se desacredita o pecado; que se reformam os costumes gritando contra as desordens do tempo e contra os que as causam e toleram; crê-se que se faz a Deus um grande serviço infamando toda uma comunidade ou todo um grêmio pelas faltas de alguns particulares; sente-se não sei que secreta vanglória em murmurar, porque, censurando os demais, indiretamente se louva a si mesmo o murmurador. É a murmuração vício próprio de gênios apoucados, de entendimentos vulgares, de corações malignos, de espíritos covardes e de consciências caladas ou cauterizadas. Um ânimo nobre e elevado, ainda nas ações mais ruins, acha algo que escusar; um homem de honra e de criação nunca levanta seu mérito sobre as ruínas de outro. Seguramente não te atreverias a murmurar na presença do que censuras: prova clara da covardia deste vício. Nenhum é ocasião de maiores injustiças e, no meio disso, nenhum é mais ordinário nem mais comum. Muitos deixam de incorrer no vício de caluniar; mas do de murmurar muito raro se isenta; e disse bem São Paulino que este era o último laço do demônio: *Extremum diaboli laqueum.* «Não manches tua língua com a murmuração», diz o Espírito Santo. Por mais pretextos que busques, Deus descobre todos os mistérios das consciências e penetra o interior dos corações.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 9 de São Mateus.

Mateus 9,10-13

> **Latim:** 10 Et factum est, discumbente eo in domo, ecce multi publicani et peccatores venientes, discumbebant cum Jesu, et discipulis ejus. 11 Et videntes pharisæi, dicebant discipulis ejus : Quare cum publicanis et peccatoribus manducat magister vester ? 12 At Jesus audiens, ait : Non est opus valentibus medicus, sed male habentibus. 13 Euntes autem discite quid est : Misericordiam volo, et non sacrificium. Non enim veni vocare justos, sed peccatores.

Português: 10 E aconteceu que estando Jesus sentado á mesa n'huma casa, eis-que vindo muitos publicanos, e peccadores, se sentaráo a comer com elle, e com os seus discípulos. 11 E vendo isto os Fariseos, dizião aos seus discípulos: Porque come o vosso Mestre com os publicanos, e peccadores? 12 Mas ouvindo-os Jesus, disse: Os sãos não tem necessidade de médico, mas sim os enfermos. 13 Ide pois, e aprendei o que quer dizer: Misericordia quero, e não sacrificio. Por quanto eu não vim a chamar os justos, mas os peccadores.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que o verdadeiro zelo é um ardente desejo de dilatar a glória de Deus e de opor-se a tudo quanto possa diminuí-la; é um santo desejo de estender o reino de Jesus Cristo, fazendo-o triunfar de seus inimigos em todo o mundo; é uma viva ânsia de vê-lo adorado e amado de todos, com uma sensível dor de que os homens o honrem e o amem tão pouco; enfim, é um afeto de cristã compaixão que, movendo-nos a chorar a desgraça das almas que se perdem, nos excita a trabalhar e procurar sua salvação. É o zelo o primeiro fruto da caridade; inspira-o o amor de Deus, porque o que ama deseja o bem do amado; amor frio ou insensível é uma quimera. Quem ama a outro sente vivamente, interessa-se muito em tudo o que lhe agrada ou desagrada. Não se pode amar a Deus sem desejar sua maior glória; não se pode desejar esta sem ter muito no coração a salvação das almas.

É o zelo a mostra mais clara e a medida mais justa de nosso amor. Não houve santo que não tivesse um ardente zelo de sua própria perfeição e da salvação do próximo; suas penitências, sua observância e seu fervor eram fruto de seu zelo; e a ardente caridade com seus irmãos era efeito necessário de seu amor de Deus.

Ansiamos nós muito por nossa própria perfeição? Temos grande zelo de nossa salvação e da de nossos irmãos? Que deveremos pensar de nossa indiferença e de nossa frieza? A falta de zelo é prognóstico fatal. Ama-se a Deus quando se faz tão pouco por sua glória? O zelo da própria salvação é o que povoou os desertos e o que está povoando cada dia os claustros religiosos; e o zelo da salvação dos próximos é o que faz expor-se a tantos trabalhos tantos servos de Deus. Consideremos aqueles homens cheios de uma fogosa caridade que, deixando as delícias de sua pátria, atravessam as terras e os mares; e, atropelando mil perigos, caminham aos últimos ângulos do mundo para trabalhar na conversão das almas e para dilatar o império de Jesus Cristo. Em todas as partes do orbe descoberto veem-se homens apostólicos que, destituídos de todo humano consolo, se aplicam infatigavelmente a servir a ingratos, a instruir bárbaros, a convencer obstinados, sem outro fim que trazer aqueles povos ao conhecimento do verdadeiro Deus; expostos sempre aos desprezos e ao ódio daqueles mesmos a quem procuram salvar; frequentemente expostos a seu furor e a sua injustiça. Não buscam outro interesse neste mundo em todos os seus trabalhos. Afligem-se à vista do enorme crime que cometem os idólatras que lhes tiram a vida; mas têm-se por ditosos em oferecer seu sangue pelos mesmos que lho fazem derramar e pela glória daquele Senhor que derramou todo o seu por eles. Isto é o que produz a caridade; mas são estes os frutos da nossa? Nenhum deixa de ter sua particular missão; todos a pouca custa podem excitar seu zelo. O mestre, o pai de família, o superior devem ter muito no coração a salvação de seus súditos, porque hão de responder por ela. Este será um belo objeto de nossa caridade e de nosso zelo. Mesmo aqueles que não têm a seu cargo a salvação de outros devem ter zelo pelo próximo, exercitando-o com seus bons exemplos. Deus meu, que maior prova de nosso pouco amor que a tibieza de nosso zelo!

Segundo ponto

Considera que a caridade está cheia de bondade, que é toda doce e, consequentemente, o verdadeiro zelo nunca pode ser amargo. Em tudo há de ser nosso modelo Jesus Cristo; ninguém o acusará de espírito largo ou relaxado. Com suas lições, com sua conduta, com seus exemplos, com tudo nos está pregando um grande horror ao pecado; mas ao mesmo tempo nos prega também uma suma bondade de pai com todos os pecadores: «Não sabeis, dizia aos discípulos que queriam que descesse fogo do céu para consumir os samaritanos, de que espírito sois; o Filho do homem não veio tirar a vida a alguns, mas dá-la a todos.» Aquele zelo ardente e duro que assola, tala e queima tudo o que apanha adiante prova as muitas máscaras com que se disfarça a ilusão. Chama-se zelo o que muitas vezes é cólera acesa, sangue requeimado, gênio podre, espírito satírico, mau humor que se quer desafogar à custa dos demais; grita-se, vocifera-se, repreende-se muito e emenda-se pouco.

Essas correções demasiadamente duras e excessivamente agras mostram bem a paixão que as produz; não é o zelo seu verdadeiro pai, mas o furor, o ressentimento e a vingança; por isso não fazem fruto. Não tenham a correção e o zelo outro princípio que a caridade; não tenham outro objeto que a glória de Deus e a salvação das almas, e sempre será o zelo paciente, benigno, bondoso, compassivo e suave, mas eficaz; em se misturando algo de fel, sempre há amargura, sempre malignidade; o zelo do homem humilde sempre será aprazível. Aborrece-se o pecado e trabalha-se eficazmente em destruí-lo; mas ama-se o pecador e só se pensa em salvá-lo. Todo zelo a quem faltem estas qualidades é falso; se corriges como pai a teus filhos, aos criados e aos súditos, nunca os repreenderás com demasiada severidade nem com tantos gritos.

Bom Deus, pode haver maior ilusão que gritar eternamente contra a licença e contra a desordem dos outros sem trabalhar nunca eficazmente em reformar-se a si mesmo! Se temos verdadeiro zelo, que razão haverá para que seu objeto seja sempre forasteiro? Bastante temos que fazer em desmontar nossa própria herdade, sem matar-nos tanto pelos espinhos e pelos matagais que brotam na alheia. É possível que nunca nos hajamos de aplicar a descobrir a verdadeira origem deste zelo duro e amargo, que só se sustenta de queixas, de murmurações e de interpretações malignas, e só se explica em fel, em sátiras e em censuras? Não há coisa mais contrária ao espírito de Jesus Cristo que essa inquieta severidade; guardemo-la toda para nós mesmos. Nem sempre são os mais severos consigo aqueles que pregam aos outros o maior rigor. Examinemos bem a indulgência com que nos tratamos, à vista da dureza e da rigidez de nosso zelo a respeito dos demais.

Oh Deus meu, e quanto é minha dor pelo pouco zelo que tive até aqui da salvação do próximo e até da minha própria! Dai-me, Senhor, vosso amor, e seguramente terei zelo; trabalharei em vossa maior glória sempre que com a assistência de vossa divina graça trabalhar em minha própria perfeição; e isto é o que com ela resolvo fazer desde este mesmo instante.

Jaculatórias

> *Ure renes meos et cor meum, Domine.* Sl 25.

Abrasai, Senhor, meu coração e minhas entranhas no zelo de minha salvação e de vossa glória.

> *Defectio tenuit me pro peccatoribus derelinquentibus legem tuam.* Sl 118.

Desmaiou de dor meu coração, ó Deus e Senhor meu, vendo o desprezo que fazem os pecadores de vossa santa lei.

Propósitos

1. É erro imaginar que só devem ter zelo os missionários e os pregadores; nenhum há que dentro de seu estado não deva fazer missão; nenhum que não seja responsável por sua própria salvação e de certa maneira pela de seus irmãos. Tua própria salvação é teu grande negócio; todos estão encarregados dele; mas todos devem edificar o próximo com os bons exemplos. Esta espécie de zelo é comum a todos os estados, a todas as condições dos homens; mas tens emprego, tens súditos, tens criados e família? Poucos missionários de profissão terão que dar a Deus conta tão estranha de seus irmãos como tu de teus dependentes: guarda-te bem de esquecer esta obrigação nem descuidar-te nela por tê-la encarregado a outros. Vela continuamente sobre a vida e proceder daqueles que Deus pôs a teu cuidado. Filhos, criados, súditos são, por assim dizer, uns como depósitos de que hás de dar conta a seu soberano dono; além do exemplo, deves-lhes a educação, o ensino, os conselhos; procura que frequentem cada mês os sacramentos; que ouçam missa cada dia; que se reze o rosário em comum na família, sendo tu o primeiro que assistas a ele; que em tua presença se leia a todos um tempo competente em algum bom livro espiritual; vela sobre os costumes de filhos e de criados; em ponto deles e em ponto de religião, nada lhes dissimules; nunca toleres que alguém de tua casa dê mau exemplo; adverte, admoesta, corrige com zelo, mas com suavidade; não há coisa mais eficaz que uma correção privada, um aviso particular ao filho, ao criado, ao súdito que tropeçou; ganha-lhe o coração este zelo do amo, do pai e do prudente superior.

2. Evita sempre cuidadosamente todo zelo áspero, amargo e desabrido. Essas vivacidades, esse desentoar da voz, sempre se reputa por cólera, e toda cólera num superior destoa e o desautoriza; modera, reprime a indignação à vista da falta; o zelo suave e compassivo, mas ativo e eficaz, sempre tira fruto; há zelos enfadonhos que, em vez de curar as chagas, as enconam mais; há-os ruidosos e vozeadores, que aturdem, mas não corrigem; há-os duros, que, como não os move a caridade, tudo botam a perder; há-os impacientes, que só servem para alienar os ânimos e desviar o coração. Corrige todos estes defeitos: tem muito zelo pela salvação das almas, mas tem por modelo e por regra do teu o zelo de Jesus Cristo; seja teu zelo doce, humilde, paciente, compassivo, industrioso e tranquilo. Governe-se puramente pela caridade cristã, e seguramente terá todas estas qualidades.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:03 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:03 by Admin